



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
Fórum Empresarial Brasil-Ucrânia**

Kiev-Ucrânia, 02 de dezembro de 2009

Obs: Por problemas técnicos, não foi gravado o início deste discurso

...aquilo que já foi dito por empresários brasileiros e, certamente, pelo meu ministro de Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Se houver repetição, é mera coincidência.

Bem, primeiro, eu quero dizer, Presidente, da minha alegria (incompreensível) de poder estar cumprindo esta agenda hoje, quando, em setembro, nós nos encontramos em Nova Iorque e decidimos fortalecer a agenda Ucrânia-Brasil.

Eu acredito muito que o mundo está evoluindo. Na classe política, na classe empresarial, um comportamento mais ousado do que nós tivemos durante todo o século XX. E por que eu acredito que o mundo está a exigir (incompreensível)? Porque, com a globalização, e sobretudo agora, com a crise econômica, nós estamos percebendo que muita gente, que durante anos discursava em defesa do livre comércio, hoje já não quer (incompreensível) livre comércio.

Eu participei pessoalmente das negociações da Rodada de Doha na OMC até novembro do ano passado e, por várias vezes, eu imaginei que os defensores da teoria do livre comércio eram os que mais deveriam querer o acordo de Doha. E foram exatamente eles que não quiseram concluir o acordo de Doha.

Quando veio a crise econômica, a primeira coisa que alguns países ricos fizeram foi a tentativa de proteção do seu mercado interno, dificultando a entrada de produtos produzidos em outros países, negando o livre comércio e



colocando em prática um novo tipo de protecionismo.

Quando eu venho à Ucrânia, eu venho para dizer aos empresários da Ucrânia e aos empresários brasileiros que, embora tenhamos uma comunidade ucraniana no Brasil há 120 anos, embora já tenhamos relações diplomáticas há muito tempo, do ponto de vista das relações empresariais, das relações políticas e das relações comerciais, nós ainda somos virgens, nós ainda não nos conhecemos. Nós apenas estamos vendendo e comprando aquilo que precisamos e não aquilo que nós achamos que tenha de interessante em cada país.

Eu lembro do começo do meu governo no Brasil. Eu lembro que quando nós chegamos no governo, em 2003, o Brasil tinha uma preferência comercial com os Estados Unidos e uma preferência comercial com a União Europeia. Quase 60% do fluxo da balança comercial brasileira era dividido entre Estados Unidos e União Europeia. E nós, então, decidimos que era necessário diversificar os nossos parceiros comerciais, não apenas para aumentar a nossa balança comercial, mas para ficarmos menos dependentes de um único (incompreensível), e redescobrir a América do Sul e América Latina.

Depois descobrimos a África, porque o Brasil não levava em conta o continente africano para fazer negócios. O Brasil levava em conta o continente africano apenas para discutir os indicadores sociais (incompreensível). Quando queríamos falar de miséria, era a África. Quando se tratava de falar de possibilidades econômicas, possibilidades de negócios, nós nem olhávamos para o continente africano e passávamos direto. Aliás, nós nem olhávamos para o Oriente Médio. A última autoridade brasileira que tinha visitado o Líbano foi um imperador brasileiro em 1846. E nós tínhamos uma relação incipiente com o mundo asiático e, dentro dele, a China.

Ora, o que aconteceu nesses sete anos? O que aconteceu nesses sete anos é que nós elevamos mais de dez vezes as nossas relações com a África, as nossas relações com o Oriente Médio, as nossas relações com o mundo



asiático, as nossas relações com a América do Sul e as nossas relações com a América Latina. Nós saímos de uma balança comercial de US\$ (incompreensível) para uma balança comercial de US\$ (incompreensível).

E é pouco, é muito pouco se nós olharmos a potencialidade de comercialização que existe entre vários países e falarmos de um país como a Ucrânia, que tem um conhecimento científico, tecnológico, que pode trocar esse conhecimento e esses avanços tecnológicos com o conhecimento e o avanço tecnológico do Brasil. Mas nós nos conhecemos muito pouco e por isso nosso comércio (incompreensível). Poderiam ser três, poderiam ser dois, poderiam ser quatro. Como é que nós vamos vender e comprar, se nós não nos conhecemos? Então, a reunião de hoje, eu penso que é um desafio à imaginação criativa que todo investidor e empresário tem que ter. Se não for criativo e não tiver sorte, o empresário está (incompreensível). Então, é preciso ser muito criativo e ter muita sorte, e procurar as oportunidades e não perdê-las.

Eu acho que a Ucrânia é uma oportunidade para o Brasil e o Brasil é uma oportunidade para a Ucrânia. E quando eu falo em Ucrânia, não falo apenas do território de aproximadamente 700 mil quilômetros. Eu falo da área de influência da Ucrânia em grande parte do mundo. E quando eu falo do Brasil, também não falo apenas do território brasileiro. Eu falo da área de influência do Brasil em toda a América do Sul e em toda a América Latina. E é esse potencial de um país de 190 milhões e de um país de 50 milhões de habitantes, com alto teor de conhecimento, com uma avançada tecnologia, que podem fazer com que as oportunidades até agora inexistentes possam começar a existir.

Por isso, eu e o Presidente decidimos que a partir do ano que vêm vários ministros da Ucrânia, junto com delegações empresariais na área de (incompreensível) devem visitar o Brasil, e vários ministros brasileiros precisam visitar a Ucrânia também (incompreensível), porque as oportunidades são



excepcionais. Se quisermos (incompreensível), este país é exportador e o Brasil é exportador. Este país é (incompreensível) e o Brasil é produtor de (incompreensível). Este país tem uma capacidade produtiva excepcional e o Brasil tem uma capacidade (incompreensível). No que quê nós poderemos estabelecer complementaridades?

Todos nós sabemos que não há hipótese de o mundo voltar a reduzir a produção de alimentos. A cada dia tem um chinês que come mais um prato, a cada dia tem um africano comendo mais um prato, a cada dia tem um indiano comendo mais um prato e a cada dia tem um latino-americano comendo mais um prato, mais alimentos nós vamos ter que produzir. Olhem o mapa-múndi, olhem as terras agricultáveis dos países do mundo, e vejam quantos países têm terra para plantar os alimentos que a Humanidade vai precisar.

Nós precisamos discutir isso entre os dois países, para que a gente possa nos ajudar. O Brasil é importador de fertilizantes. O Brasil não produz nenhum fertilizante (incompreensível). Nós importamos 99%. Aqui na Ucrânia vocês produzem. Ora, por que não construir uma *joint venture* entre empresas ucranianas e brasileiras e não construir a fábrica de fertilizantes que precisa o Brasil (incompreensível)? (incompreensível), o mundo, se quiser mudar a matriz energética e deixar de utilizar combustíveis fósseis, vai ter que fazer parceria com o Brasil, que produz biocombustível bem mais eficaz do ponto de vista da quantidade de produção, da qualidade e (incompreensível) preço. Por que não estabelecermos parceria?

A Europa, Presidente, aprovou que até 2020 vai colocar 10% de etanol na gasolina. Em algum momento, a Europa vai ter que discutir onde vai produzir esse etanol, ou vai comprar o etanol do alimento, do milho, ou nós vamos estabelecer uma parceria para que a gente possa produzir e vender para os países que vão precisar de etanol.

O Brasil não vai parar de crescer. Os investimentos públicos não pararão de acontecer no Brasil e nós vamos construir muitas ferrovias, muitas estradas.



Nós vamos construir muitas, muitas, muitas empresas para produzir energia elétrica. Vamos construir muitas hidrelétricas. Ora, vocês têm tecnologia, vocês produzem (incompreensível). Por que não produzi-lo (incompreensível)? Vocês têm uma grande indústria naval. O Brasil está recuperando a sua indústria naval. É preciso, então, que nós juntemos os empresários brasileiros e os empresários ucranianos e vamos ver o que nós poderemos fazer juntos.

E poderia pegar dezenas de coisas que estão acontecendo no nosso país para dizer para vocês que nós trabalhamos com a convicção de que, dentro de alguns anos, o Brasil deverá ser a quinta economia do mundo. Temos disposição, temos investimento e temos todas as condições de fazer com que o País utilize, no século XXI, as oportunidades que nós jogamos fora no século... Nós já aprendemos que a economia pode crescer sem inflação; nós já aprendemos que é preciso ter um crescimento da balança comercial sem asfixiar o mercado interno; nós aprendemos que é possível você distribuir renda para a economia crescer; nós aprendemos que não é incompatível o rico ganhar dinheiro e os pobres melhorarem de vida, porque quanto mais dinheiro tiverem os pobres, mais os ricos vão ganhar dinheiro. Isso não era assim no Brasil. No Brasil, se inventou a ideia de que primeiro era preciso crescer. Quando crescesse muito, aí ia distribuir. E nunca distribuía.

Para que eu não fique contando vantagens do Brasil, e quando eu virar as costas vocês dizerem “Ah, mas (incompreensível) falar bem do Brasil. O Presidente do Brasil, vai falar mal do Brasil”. Eu queria que vocês fossem, que fossem conhecer cada ramo de atividade econômica do Brasil, que fossem visitar a nossa política de biocombustíveis, que fossem visitar a nossa produção de etanol, a nossa produção de biodiesel, que fossem conhecer a nossa indústria automobilística, a nossa indústria naval, a nossa empresa de avião. Por que é que não podemos construir parcerias na indústria (incompreensível)? Vocês têm tecnologia, nós temos tecnologia. Agora, isso só é possível quando a gente se conhece, e se conhece bem.



Por isso, eu vou fazer questão de pedir para que mais empresários brasileiros venham à Ucrânia e quero que mais empresários ucranianos visitem o Brasil. E (incompreensível) e descobrir as oportunidades. Não é que o Brasil só queira vender para a Ucrânia e nem a Ucrânia só queira vender para o Brasil. Também queremos vender mas, sobretudo, queremos criar condições de investimento para que os dois países possam ficar mais fortes economicamente, mais ricos e possam distribuir renda.

Eu acho muito importante que o Brasil procure países mais ou menos iguais ao Brasil. Todo mundo que me conhece sabe que eu tenho uma tese de que política e comércio exterior são que nem camelô. Eu não sei se aqui na Ucrânia vocês chamam de camelô aquele cidadão que sai com uma sacola vendendo coisas nas ruas. No Brasil (incompreensível). Porque nós somos iguais, nós temos similaridades, nós precisamos melhorar a vida do nosso povo. Então, nós temos que procurar quais são as oportunidades (incompreensível). Essa crise econômica pode assustar algumas pessoas, mas ela é uma oportunidade extraordinária para a gente sair mais fortalecido.

No caso do Brasil, a crise chegou por último e ela terminou primeiro, e o Brasil sairá mais forte dessa crise. O mundo desenvolvido precisa aprender a cuidar do sistema financeiro. Ninguém pode emprestar o que não tem e ninguém pode ganhar dinheiro trocando papéis. Ganha-se dinheiro vendendo um grão de trigo, vendendo um sapato, vendendo uma caneta, vendendo um lápis, vendendo uma meia. Não se pode ganhar dinheiro vendendo coisas que não existem, apenas especulando para o futuro, como foi o caso das *commodities* em maio e junho do ano passado, quando o preço do petróleo chegou a US\$ 150 o barril, e começou a faltar soja. No meu país começou a faltar feijão. Ninguém exporta feijão. Lá mesmo nós produzimos e lá mesmo nós comemos. Mas em dezembro o preço do feijão saiu de R\$ 60 para quase R\$ 200 a saca porque, com medo do *subprime*, alguns malandros da economia resolveram especular com alimento no mercado futuro.



Bom, aí quando aconteceu a quebradeira (incompreensível) nós percebemos que o dinheiro que o mundo poderia ter investido nos setores produtivos, eles investiram para salvar os bancos. E alguns bancos que quebraram, estão outra vez pagando bônus, certamente para os mesmos (incompreensível).

Portanto, o FMI e o Banco Mundial terão que mudar o comportamento e, para isso, o G-20 está decidindo que é preciso ter regulação do sistema financeiro. Nenhum banco poderá alavancar mais do que ele tem condições de alavancar. É preciso comprometer a capacidade de alavancagem dele com o patrimônio líquido dele.

No Brasil, eu costumo dizer que em economia não existe mágica. Em economia existe seriedade. E não precisa ser nenhum grande economista, formado na Sorbonne ou formado em Harvard, para (incompreensível). É só você utilizar a experiência do povo comum. O povo comum, como ele só tem como patrimônio o nome dele, ele toma muito cuidado para não (incompreensível). Então, normalmente, a parte mais pobre da Humanidade só compra aquilo que pode comprar, porque ela quer pagar. Se todos os países fossem governados com essa seriedade e cada um fizesse apenas aquilo que está ao alcance do potencial econômico do país, (incompreensível) endividar dentro (incompreensível) que o país pode pagar, nós não teríamos crise econômica como tivemos nos anos 90 e como tivemos no (incompreensível).

Então, eu queria dizer a todos vocês que não faltam oportunidades de negócios no Brasil, e pelo que eu tenho ouvido aqui, não faltam oportunidades de negócios na Ucrânia. E não digam que é longe, que não venha um brasileiro me dizer que a Ucrânia é longe, que não venha um ucraniano me dizer que é o Brasil é longe, porque os portugueses saíam de barco, davam a volta no Atlântico, passavam lá no Cabo da Boa Esperança para chegar até a (incompreensível) da Índia, para comprar pimenta-do-reino. E viajavam seis meses, oito meses, dez meses e, na maioria das vezes, morriam, não



voltavam. Agora vocês podem pegar um avião, confortavelmente, com um pouquinho de (incompreensível) e em 14 horas terão oportunidade, os brasileiros de (incompreensível), e vocês, de verem o Rio de Janeiro. Em 14 horas. É uma coisa...

Agora, se a Ucrânia ficar esperando que a Europa (incompreensível) com tudo o que vocês produzem, ou ficar esperando que os Estados Unidos (incompreensível) com tudo o que vocês produzem, e o Brasil ficar esperando que a Europa compre tudo o que nós produzimos e que os americanos vão comprar, podemos perder a esperança. Nós temos que procurar novos parceiros.

O que eu estou pedindo a vocês é que não tenham medo de conversar, não tenham medo de fazer negócios, não tenham medo de fazer associação com empresas brasileiras e ucranianas. Vocês vão perceber que a possibilidade de fazerem uma parceria entre iguais é muito mais eficaz e muito mais produtivo do que ser engolido por multinacionais, que não estão preocupadas com (incompreensível) ou que não estão preocupadas com emprego e renda. O que eu estou propondo a vocês é que, a partir de agora, a gente pode fazer em um ano ou nos próximos três anos aquilo que a gente não fez nos últimos 20 anos. É um desafio, é um desafio, mas todos nós aqui sabemos que o ser humano não vive sem um desafio. Se um ser humano não tiver desafios, ele logo vai entrar em depressão, e ele vai gastar o que ele deveria ganhar, pagando analista e cuidando... Então, para que não tenha depressão, vamos viajar e vamos fazer negócios. Eu vou empurrar os brasileiros para cá, e vocês empurrem os ucranianos para lá, e daqui a pouco a gente vai perceber que aquilo que parecia impossível está acontecendo entre duas nações importantes, como Ucrânia e Brasil.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
